

## A poesia das coisas simples

[21/12/1990]

Todo mundo o conhecia como "o velho Braga"; e isto, acho, desde que ele era jovem jornalista. E, já que ele sempre tinha sido "o velho Braga", esperava-se de Braga que ele ficasse sempre entre nós, mesmo velho. Mas não. Este nefasto ano de 1990 mostrou-se mais forte do que esta, e outras, ilusões, e levou-nos o homem que transformou a crônica, tradicionalmente vista como um gênero menor, numa categoria literária de importância neste país. Há quem julgue o jornal um veículo inadequado para a literatura; o livro, diz-se, tem permanência (mesmo que esta permanência por vezes só beneficie as traças) ao passo que o jornal é um objeto descartável: nada mais velho que o jornal de ontem, uma coisa que só serve para embrulhar peixe (o que, de novo, só era válido quando a saúde pública o permitia — e quando se podia comprar peixe). Braga, porém, nunca acreditou nessa lógica "machuhanesca". Preferiu seguir o caminho de Machado e de Lima Barreto, e transformou o cotidiano em matéria-prima para um trabalho literário de primeira grandeza. Em "O homem rouco": "O jornalista profissional Rubem Braga, filho de Francis-

co de Carvalho Braga, carteira 10836 série 32ª, registrado sob o número 785, Livro II, Fls. 193, ergue a fatigada cabeça e inspira com certa força. Neste ar que inspira, entra-lhe pelo peito a vulgar realidade das coisas, e seus olhos já não contemplam sonhos longe, mas apenas um varal com uma camisa e um calção de banho e, ao fundo, o tanque de lavar roupas de seu estreito quintal, desta casa alugada em que ora lhe movem uma ação de despejo".

Assim era Braga: um homem que tratava as palavras com sensibilidade, com sabedoria e com maestria. Por isso era grande; não porque se desse importância. No Recife, Braga morou algum tempo na famosa pensão de dona Berta, mãe de Noel Nutels, notável sanitarista, já falecido. Um dia apareceu ali um camundongo. Foi uma correria; ao final, Braga liquidou o roedor com um grosso camudo de papelão. Eu sabia que isto ainda serviria para alguma coisa útil, disse, mostrando o conteúdo do camudo: era o seu diploma universitário.

Este homem amável, um pouco retraído, sabia ver poesia nas coisas simples. E a camisa que ficou ondulando ao vento, num varal de fundo de quintal, dá agora adeus a um de nossos maiores escritores.

IN: SCLAR, Meacyr. "A Poesia das coisas simples: crônicas". São Paulo: Companhia das Letras, 2012. pag. 121 - 122